

## **Mobilidades, turismo e leitura: reflexões a partir de uma biblioteca comunitária de São Paulo**

### **Resumo**

Este artigo apresenta e discute imbricações entre turismo, mobilidades e leitura, tendo por caso de estudo a Biblioteca BCCL [suprimido para manter o anonimato], localizada em Parelheiros, no extremo sul da cidade de São Paulo. As bibliotecas comunitárias têm ocupado espaço relevante na cena cultural do país e atraído visitantes às suas programações; no entanto, as mobilidades que as envolvem são por vezes invisíveis ao Turismo. Com uma abordagem metodológica qualitativa, objetivos exploratórios e procedimentos da Pesquisa-Ação que favorecem o envolvimento dos pesquisadores e demais sujeitos da biblioteca na pesquisa e nos resultados, podendo agir sobre eles, foi aplicado um questionário de autorresposta a 168 visitantes. Foram identificados o perfil demográfico, as motivações, as concepções de mobilidade e as percepções dos visitantes da biblioteca, com o objetivo de explorar as relações que estes estabelecem entre mobilidade e o que vivenciaram na biblioteca e a contribuição destas correlações para o estudo do Turismo. Tendo o Paradigma das Novas Mobilidades (PNM) e a noção de bibliotecas como ponto de irradiação, observou-se que os pesquisados - turistas urbanos residentes em São Paulo ou provenientes de outros estados e países, atraídos pelas mobilidades que o acesso à leitura proporcionou aos jovens da biblioteca e à comunidade de Parelheiros – estabeleceram conexões físicas e metafóricas entre mobilidades e leitura. Por esta pesquisa foi possível mapear uma prática nascente que se associa ao universo do turismo e dos lazeres urbanos, que vem acontecendo em São Paulo de forma crescente, por pessoas que vivem na cidade ou que, uma vez nela, incluem em sua programação uma biblioteca comunitária de área periférica rural. Isso permite, por vias pouco convencionais nos estudos de turismo, assumir que as bibliotecas comunitárias, ainda pouco estudadas pela academia e circunscritas às pesquisas das Ciências da Informação, podem ampliar o campo de análise das mobilidades turísticas.

**Palavras-chave:** Mobilidades; Turistas urbanos; Literatura; Bibliotecas Comunitárias; Parelheiros (São Paulo/Brasil).

## 1. Introdução

*As bibliotecas deveriam ser declaradas da família dos aeroportos,  
porque são lugares de partir e de chegar.  
Os livros são parentes diretos dos aviões,  
dos tapetes voadores, dos pássaros.  
Os livros são da família das nuvens e como elas sabem tornar-se invisíveis  
enquanto pairam, como se entrassem dentro do próprio ar,  
para ver o que existe para o depois do que não se vê.  
(Valter Hugo Mãe, As bibliotecas)*

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado da autora na qual analisa as imbricações entre turismo, mobilidade e leitura a partir da observação do fluxo de visitantes a uma biblioteca comunitária no período de 2009 a 2020. Levantou-se a hipótese de que conhecer os visitantes, saber as suas motivações, o que se move com eles, quais práticas e narrativas turísticas manifestam, tem o potencial de informar sobre o estudo das mobilidades turísticas (Allis, 2016) e das relações entre turismo, mobilidade e leitura a partir de uma biblioteca comunitária. Para tanto, analisaram-se 168 respostas de visitantes, a duas perguntas de um questionário mais amplo, conforme será detalhado na seção de “Desenvolvimento da pesquisa”.

A Biblioteca BCCL, criada em 2009 por uma Organização da Sociedade Civil (OSC) [suprimido para manter o anonimato] e um grupo de adolescentes, localizada na extensão de um cemitério, em Parelheiros, 50 Km ao Sul da cidade de São Paulo, se insere na história das bibliotecas comunitárias no Brasil: tem origem na distribuição desigual das políticas públicas entre áreas centrais e periféricas e rurais das cidades, impulsionando indivíduos e grupos comunitários, apoiados ou não por organizações sociais, a promoverem o acesso à leitura como estratégia à redução de desigualdades e imobilidades (Machado, 2008; Petit, 2009; Petit, 2013). A atuação destas bibliotecas não se restringe ao empréstimo de livros: nelas acontecem eventos, compartilhamentos literários e ações de mobilização de comunidades (Castrillón, 2011; Fernandez; Machado; Rosa, 2018), o que as tornam local de hospitalidades e ponto de convergência e irradiação de ideias e de transformação social (Petit, 2009) - que, em alguma medida, pode envolver atividades de visitação e turismo urbano.

A narrativa que envolve a localização da biblioteca, sua origem na articulação de uma instituição social e um grupo de adolescentes, a gestão feita por um coletivo de jovens filhos de trabalhadores braçais que se tornaram leitores, mediadores de leitura e articuladores de

uma biblioteca e a intensa programação cultural - com saraus, bate-papo com autores, clubes de leitura, cines-debate, oficinas de leitura e um roteiro de turismo comunitário - são alguns fatores que têm atraído um grupo diversificado de visitantes da cidade de São Paulo e de outras cidades, estados e países. Outro grupo de fatores está relacionado à busca dos visitantes por práticas turísticas urbanas, “autênticas”, “próximas ao cotidiano” e que lhes ofereça um “perigo seguro” (Gravari-Barbas, Delaplace, 2015). Este último explica, em parte, a busca da biblioteca pelos turistas internacionais que têm o fetiche de conhecer a periferia “perigosa e violenta” de uma grande cidade brasileira, sem muitos riscos. A visibilidade e imagem positiva de uma biblioteca comunitária, em área rural periférica, parece oferecer um “risco seguro”, ao mesmo tempo que vincula o visitante com uma agenda “fora do comum”, inscrevendo essas práticas no que se vem chamando de *off-the-beaten-tracks tourism* (Gravari-Barbas, Delaplace, 2015).

As visitas à biblioteca foram observadas em uma perspectiva móvel, para além das análises estáticas sobre centro/periferia, inclusão/exclusão (Aderaldo, 2018). Buscou-se captar o olhar dos visitantes a respeito dos corpos, objetos, ideias, imagens e imaginários (Sheller; Urry, 2006) que “moveram a biblioteca”, ao ponto de atrair suas atenções e o deslocamento dos seus corpos até Parelheiros. Estes movimentos têm contribuído para tirar uma biblioteca e um território à margem da cidade, “do ponto cego” das relações hegemônicas (Aderaldo, 2018), aquele ponto invisível ao observador distraído ou muito centrado.

Para análise das relações entre mobilidades e leitura, a partir do olhar dos visitantes da biblioteca, escolheu-se o arcabouço teórico do Paradigma das Novas Mobilidades (PNM), um campo em construção no âmbito das Ciências Sociais, que tem no Turismo um solo fértil à aplicação de “métodos móveis” em pesquisas inovadoras, em grau de captar os movimentos. Na pesquisa de mestrado, a autora optou pela combinação de métodos que, entre outros, consideram a dimensão afetiva da vivência e o registro das trajetórias individuais e coletivas. Assim, o questionário aplicado aos visitantes considera a dimensão afetiva da pesquisa social, condição para que se consiga acolher as viagens imaginativas e a atmosfera que as envolve (Sheller; Urry, 2006), conteúdos facilitados pela literatura.

Na sequência desta Introdução, apresentam-se detalhes sobre a operacionalização da pesquisa. Já na seção de “Discussão dos resultados” encontram-se a caracterização demográfica dos respondentes comparada às características do território, e a análise das respostas dos visitantes sobre “o que é mobilidade” e a aplicação deste conceito à BCCL. Na última seção, “Conclusão” são sintetizados os principais achados da pesquisa e sua contribuição para o estudo do turismo.

## **2. Metodologia**

A pesquisa conta com uma abordagem metodológica qualitativa e objetivos exploratórios (Veal, 2011), escolhida como a mais adequada para coletar as percepções sobre um novo objeto de estudo - ou, pelo menos, em perspectiva ainda não abordada. Sem a preocupação de definir uma amostra que sustentasse um rigor estatístico, os dados quantitativos dos visitantes e das visitas buscaram expressar dimensões de mobilidades por vezes invisíveis ao turismo, como a visita às bibliotecas comunitárias.

Ao considerar a relação intrínseca entre o objeto da pesquisa e os processos socioeducativos desenvolvidos na biblioteca, o conhecimento acumulado em 10 anos da biblioteca e o desejo de agir sobre os resultados encontrados, optou-se pela Pesquisa-Ação como enfoque metodológico, uma vez que este concebe a pesquisa como oportunidade de análise crítica e de construção de novos saberes, sem o distanciamento entre pesquisador e pesquisados: todos colaboram com o novo passo para transformar uma dada realidade ou construir um novo conhecimento. Ressalta-se que não se trata de um simples registro da prática, mas de algo novo entre o espaço costumeiro e o excepcional espaço acadêmico, com etapas organizadas no ciclo contínuo da Investigação-Ação: Agir, Descrever, Avaliar/Monitorar, Planejar (Tripp, 2005; Thiollent, 2005).

Confirmada a pertinência do tema junto aos envolvidos na pesquisa (gestoras da instituição e jovens), passou-se à Pesquisa Documental da instituição de 2008 a 2020, período em que atua em Parelheiros: levantamento dos projetos apresentados a apoiadores, relatórios pedagógicos, e-mail entre as gestoras e os jovens e entre os jovens e parceiros, banco de imagens da instituição e dos jovens, postagens de terceiros em redes sociais e matérias veiculadas na mídia para identificação da diversidade de origem (geográfica e institucional) dos visitantes, a fim de garantir uma amostra variada ainda que aqui o recorte estatístico não era um requisito.

As percepções dos visitantes foram coletadas por questionário de autorresposta. O questionário foi iniciado em um arquivo Word, colocado no Google drive e compartilhado com os jovens e gestoras, para que todos pudessem editar as perguntas. O arquivo ficou disponível de 17/11/2019 a 17/12/2019 e em duas ocasiões de formação, neste período, foi revisado com os jovens. A pesquisadora organizou as 35 perguntas do questionário, definindo as que seriam de múltipla escolha e as perguntas abertas. O questionário foi adaptado ao Google Forms e produziu-se um link enviado em 19/12/2019 a 10 visitantes, para pré-teste, cujas respostas foram recebidas em 23/12/2019. Uma vez que foram necessárias mínimas adequações (correção de palavras), as respostas não foram desprezadas e o questionário

segiu para a tradução para espanhol e inglês, feita por parceiros da BCCL; acrescidos os links para estes idiomas, liberou-se o questionário para preenchimento.

A partir de 18/01/2020 o questionário foi enviado para pessoas de quem se desejava assegurar o preenchimento: representantes de instituições apoiadoras da biblioteca em diferentes anos, autores, gestores culturais de São Paulo, visitantes de outros estados e países. Até 21/02/2020, foram coletadas 78 respostas e, na sequência, o questionário foi disponibilizado no perfil de redes sociais (Instagram e Facebook) da pesquisadora, dos jovens e das gestoras da instituição. Alguns respondentes passaram a “marcar” nas redes sociais ou enviar o link por WhatsApp para pessoas que haviam visitado a BCCL, solicitando-lhes o preenchimento. O processo durou quatro meses. No total foram coletas 168 respostas válidas (141 em português, 16 em inglês e 11 em espanhol).

Na produção deste artigo, foram selecionadas para análise as respostas às questões relativas à qualificação geral da amostra (de 1 a 9) e às questões 32 - *Para você o que é mobilidade?* e 33 - *Como você relaciona a sua ideia de mobilidade com a BCCL?* As respostas para a pergunta 32 foram classificadas manualmente, agrupando-se os termos que se repetiam e que se aproximavam, organizando-os posteriormente em categorias (Tabela 3). Algumas respostas à pergunta 33 foram incluídas na íntegra, identificados com a letra “V” seguida da sua posição de 1 a 168 na planilha Excel, para que se pudesse visualizar e analisar as imbricações entre os conceitos de mobilidade e a aplicação destes à biblioteca, de acordo com os respondentes.

Na próxima seção, apresenta-se o perfil demográfico dos visitantes e a análise dos sentidos que estes dão à relação entre mobilidade, leitura e bibliotecas. Dito de outro modo, qual imagem e imaginário de biblioteca se movem com quem visita a BCCL.

### **3. Resultados e Discussão**

A relevância das centenas de bibliotecas comunitárias na cena cultural e política do país e na ampliação do número de leitores, não se reflete na academia (IPL, 2016; Fernandez; Machado; Rosa, 2018). Ainda que as bibliotecas venham mudando suas funções tradicionais de consulta e empréstimo de livros para atuações mais abrangentes e próximas de centros culturais (Baker; Wendy, 2011) e façam parte de projetos inspiradores e arrojados de “urbanismo social” em áreas periféricas, como as bibliotecas-parques da cidade de Medellín (Capillé; Reiss, 2019), no Brasil, há poucas pesquisas sobre bibliotecas; ainda de forma mais específica, as pesquisas sobre bibliotecas comunitárias estão concentradas na

Biblioteconomia, Ciência da informação e Educação (Fernandez; Machado; Rosa, 2018) e na área do Turismo inexistem.

Apesar de serem comuns as associações entre “ler e viajar” (Trigo, 2013) e a compreensão de que a estética dos enredos e metáforas presentes nos livros possibilitam que o leitor, assim como o turista, vivencie emoções fora do seu espaço habitual (United Nations World Tourism Organization [UNWTO], 2010); ainda que a “hospitalidade das bibliotecas comunitárias” seja citada em entrevistas por seus frequentadores (Petit, 2013; Furtado, 2014; Fernandez; Machado; Rosa, 2018), até esta pesquisa o tema não havia sido abordado em uma perspectiva turística - ou, de maneira mais precisa, sob a égide das mobilidades turísticas (Allis, 2016; Coles et al., 2015; Hannam et al., 2014; Sheller, Urry, 2004). Com efeito, a ideia ampla de mobilidades turísticas pressupõe combinação complexa entre movimento e pausa, realidade e fantasia (Sheller, Urry, 2004), aspectos absolutamente centrais no universo da leitura e, particularmente, nas práticas observadas em bibliotecas comunitárias.

### **3.1 Quem são os agentes do turismo que acontece na BCCL?**

A abordagem de turismo que se propõe neste trabalho exige, pelas lentes das mobilidades, reconhece uma composição de agentes pouco óbvia, em comparação com as práticas turísticas mais consolidadas. Neste sentido, assumindo a BCCL como “ponto de irradiação” (Petit, 2009) de processos sociais complexos - aí incluídas nuances que podemos chamar de turísticas, buscamos caracterizar e debater alguns elementos das dinâmicas de visitação emergente ao território. Como se verá adiante, há um contraste importante nos perfis sociodemográficos, o que traz em seu bojo um conjunto de aspectos de relevância para a compreensão dessas mobilidades turísticas como fenômeno social que extrapola as mediações comerciais.

No período de 2009 a 2020, observou-se um fluxo crescente de visitantes à biblioteca (em 2019, cerca de 20 ao mês), que buscavam conhecer suas dependências e a atuação dos mediadores de leitura ou participar de atividades literárias. As constantes visitas levaram à necessidade de organização do receptivo, com fixação de um dia ao mês para as visitas e designação de dois jovens responsáveis pelo agendamento. Sensíveis à distância percorrida pelos visitantes, os recebem com um café e bolo e, não raramente, improvisam um almoço na pequena cozinha da biblioteca. Deste contexto, surgiu a proposta de gerar oportunidade e renda para mulheres de Parelheiros: criou-se as Amaras - empreendimento econômico e solidário de alimentação saudável, que passou a adquirir os insumos para sua produção, da Cooperativa Agroecológica dos Produtores Rurais e de Água limpa da região sul

de São Paulo – Cooperapas. E em 2017, com assessoria da Associação de Agricultores Acolhida na Colônia (de Santa Catarina), da Araribá – Turismo & Cultura e do Sesc –São Paulo (Serviço Social do Comércio), tudo foi integrado no Grupo Acolhendo em Parelheiros - GAP<sup>1</sup>.

Embora o GAP tenha apenas três anos de existência, a estratégia parece acertada, uma vez que dos 168 respondentes, somente 23% visitou apenas a biblioteca; os demais conheceram outros espaços ou grupos de Parelheiros, indicando uma dispersão pelo território por ocasião de sua visita à biblioteca. Estes respondentes representam ativistas da área do livro e da leitura, autores, gestores públicos, estudantes, professores, acadêmicos, investidores sociais, jornalistas, leitores, “turistas urbanos” provenientes de outras regiões da cidade ou de outros estados e países, chegados exclusivamente para conhecer a biblioteca ou que incluíram a visita em sua programação de trabalho ou lazer.

Do total de visitantes, 65% são mulheres, 63,7% se declaram brancos, 85% têm nível superior completo (28% têm pós-graduação, 16% mestrado e 19% doutorado) e 92% declaram ter algum vínculo de trabalho (Tabela 1).

---

<sup>1</sup> O projeto *Acolhendo em Parelheiros: partilha de saberes e fazeres*, coordenado pela autora, foi um dos 32 projetos selecionados no edital Empreendedorismo Social 2019 da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU). Com o objetivo de contribuir para o empreendedorismo social no âmbito do turismo de base comunitária, disseminando conceitos e práticas voltados à sustentabilidade socioambiental junto a adolescentes e jovens estudantes da rede pública do Ensino Fundamental II e Médio da região sul da cidade de São Paulo e estudantes de graduação de diferentes áreas de ensino da USP, o projeto conta com a supervisão do professor [suprimido] (PPGTUR) e vice-supervisão do professor [suprimido] e a participação da mestranda [suprimido] e de dois parceiros externos [suprimido].

**Tabela 1.** Distribuição da amostra por cor/raça/etnia de acordo com as categorias do IBGE, por escolarização e vínculo de trabalho

Distribuição dos visitantes por Cor/Raça/Etnia		Distribuição dos visitantes por Escolarização		Distribuição dos visitantes por Vínculo de trabalho	
	%		%		%
Amarelo	3,6	Fundamental	1	Aposentado/pensionista	1
Branco	63,7	Médio	7	Assalariado de empresa privada	21
Indígena	1,2	Superior	22	Funcionário público	18
Pardo(a)	12,5	Pós-graduação	28	Autônomo	33
Preto(a)	16	Mestrado	16	Empreendedor Social	8
Outro	3	Doutorado	19	Empresário	4
		Outro	7	Estudante	11
				Não respondeu	4

Fonte: Autores (2020)

Em Parelheiros, os visitantes da BCCL encontraram um público com características distintas das suas: 57,1% da população de Parelheiros se autodeclara preta e parda (IBGE, 2010); a taxa de emprego formal, por dez habitantes em idade ativa é de 0,61 (Mapa da Desigualdade de São Paulo, 2019). Embora na BCCL, metade dos jovens gestores e mediadores (3) seja de mulheres, em um universo de 349 mediadores de leitura de 143 bibliotecas comunitárias do Brasil, incluída a BCCL, Fernandez, Machado e Rosa (2018) identificaram 79% de mulheres e afirmam que o dado está em consonância com outros estudos realizados com bibliotecas comunitárias e escolares. A participação preponderante de mulheres nos espaços culturais foi destacada também por Petit (2013), ao encorajar editores a lutarem contra a misoginia se quiserem lucrar em seus negócios, “porque onde as mulheres são mantidas à margem da escolarização, à margem da vida social, o escrito não circula com fluidez”. A pauta feminina-feminista pode ser um dos fatores de atração de visitantes à BCCL: 75% deles conhecem ou participaram do Sarau “Mulher negra, presente!” realizado anualmente, pela biblioteca, no mês de março.

Outra distinção entre visitantes e comunidade visitada refere-se à escolarização: enquanto 85% dos visitantes têm nível superior completo, os dados demográficos dos territórios onde estão as bibliotecas comunitárias revelam que a média de jovens com mais de 25 anos com Ensino Médio completo é de 10,9%. Já no grupo de mediadores de leitura pesquisados por Fernandez, Machado e Rosa (2018) há 42,1% nesta faixa etária e nível de ensino. O acesso e a continuidade dos estudos foram mobilidades observadas na pesquisa de



mestrado da autora: em 2020, cinco dos seis jovens gestores e mediadores de leitura da BCCL frequentam universidades; outros três jovens que fundaram a biblioteca são graduados; todos são os primeiros de suas famílias a alcançarem este nível de escolarização.

A mobilidade destes jovens dos extremos da cidade, suas “vidas sociais móveis” (Elliot, Urry, 2010 *apud* Allis, 2016), movendo consigo as narrativas da biblioteca para as universidades e eventos literários em áreas centrais e utilizando as redes sociais de forma tática e atraente, vêm contribuindo para novos referenciais teóricos e práticos sobre o livro, a leitura e a formação de jovens leitores. O questionamento de modelos hegemônicos que fazem do acesso à cultura de modo geral e à literatura em particular, um privilégio, vem sendo feito de forma recorrente pelos movimentos culturais das periferias (Aderaldo, 2019): incluem-se aí, os atores das bibliotecas comunitárias que defendem “o direito humano à literatura” (Candido, 2011), ecoando suas vozes para além de seus territórios. De acordo com os visitantes da biblioteca, estes fatores contribuíram para captar seus olhares para Parelheiros, indicando que a noção de atratividade turística é bastante mais ampla, diversa e socialmente engajada do que o olhar ao turismo convencional (de massa, por exemplo) costuma supor.

### **3.2 Turismo e lazer na própria cidade?**

Para a Organização Mundial do Turismo (OMT), “turismo compreende as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadias em lugares diferentes do seu local de residência, por um período consecutivo inferior a um ano, com propósitos de lazer, descanso, negócios ou outros”. Entre as críticas em torno desta definição centrada no consumo de bens e serviços em um local fixo, distante e diferente da residência do visitante (Panosso Netto, 2010; Noguero, 2008), encontra-se “o turismo como prática e manifestação das mobilidades” (Allis, 2018), que mesclam o cotidiano e familiar com o extraordinário (Allis, 2014). Particularmente, o debate sobre “turismo urbano” realizado nas grandes cidades envolve atividades múltiplas, não mensuradas e quase invisíveis (Aldrigui, 2017) - a exemplo de bibliotecas comunitárias.

Este fenômeno vem sendo estudado sobre algumas vertentes, como os roteiros alternativos à periferia de Paris (Gravari-Barbas, Delaplace, 2015) ou nos arrabaldes de Londres (Maitland, 2014; 2008). São situações em que visitantes buscam “qualidades do lugar em vez de atrações específicas” como forma de conhecer a “cidade real” para além das zonas turísticas conhecidas (Maitland, 2013; 2008).

Se nesta pesquisa aceitássemos uma definição mais estrita de turista, a maioria (75,1%) dos visitantes da biblioteca seria desconsiderada, por habitar na cidade de São Paulo

ou cidades próximas. A biblioteca e seus anfitriões seriam igualmente excluídos junto àqueles cuja imobilidade muitas vezes é imposta por contextos desiguais em que há controle dos “fluxos de corpos ordinários, mensagens e coisas” (Freire-Medeiros et al., 2018). Conforme observado, a maioria dos visitantes (70,4%) reside na capital e 4,7% em cidades próximas: Santo André, Guarulhos, Indaiatuba, Osasco, São Caetano e São Vicente. Do total, 7,1% se deslocaram de outros estados (Bahia, de Brasília, Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Santa Catarina) e 17,8% de outros países: Alemanha, Argentina, Colômbia, Espanha, Estados Unidos da América, França, Holanda, México, Moçambique, Portugal e Reino Unido (Tabela 2)

Uma vez na cidade de São Paulo, 75% dos visitantes percorreram os mais de 50 Km do centro para Parelheiros com transporte privado, individual ou coletivo (carro próprio, ou fretado) e apenas 4,2% utilizaram transporte público individual (táxi comum, 99Taxi, Uber), enquanto os demais (5,4%) recorreram a carona e a transportes coletivos para “aproveitar o trajeto” para ler ou conversar sobre Parelheiros, a BCCL e leituras, como registrado por uma das visitantes (V51).

**Tabela 2.** Distribuição da amostra quanto ao local de origem e ao tipo de transporte utilizado para chegar à biblioteca.

Distribuição dos visitantes quanto ao local de origem		Distribuição dos visitantes quanto ao transporte utilizado	
	%		%
Outra cidade do estado de São Paulo	4,7	Outro	5,4
Outro estado do Brasil	7,1	Transporte fretado (ônibus, van)	22,6
Outro país	17,8	Transporte privado (carro, bicicleta)	52,4
<b>Cidade de São Paulo</b>	<b>70,4</b>	<b>Transporte público coletivo (trem, ônibus)</b>	<b>15,5</b>
		Transporte público individual (táxi comum, 99Taxi, Uber)	4,2

Fonte: Autores (2020)

O tipo do meio de transporte poderia ser um assunto banal, entendido como mera funcionalidade dentro de uma discussão convencional de turismo. Há, contudo, alguns aspectos experienciais, que ilustram tempos e espaços de afastamento (da cidade conhecida) e

imersão (na periferia desconhecida). As gestoras do IBEAC que moram no centro de São Paulo e frequentemente dão carona até a biblioteca, concordam com a visitante V51 e relatam que o tempo do deslocamento, que pode variar de uma hora e meia a duas horas, constitui-se em “lugar móvel”, “espaço relacional em movimento”, “espaço de significação e apropriação” (Jirón, 2018), utilizado para realizar reuniões, elaborar projetos, aproximar indivíduos e instituições, descobrir os fios que conectam as pessoas e a BCCL a outras redes.

Em certo modo, apropriando-se de um olhar metafórico para os múltiplos sentidos das mobilidades, pode-se dizer que este trajeto é a própria biblioteca em movimento, ensejando vivências urbanas que compõem a ideia de um turismo no interstício de práticas turísticas (extraordinárias) e não turísticas (ordinárias). Isso, ainda, repercute a dualidade presente na essência das mobilidades turísticas: a expectativa dos lugares turísticos (*places to play*) e a sutilezas dos lugares em movimento (*places in play*) (Sheller; Urry, 2004) confirma que, para uma parte dos visitantes, o tempo de deslocamento não é, como se poderia imaginar, um “tempo morto”, “perdido” a ser enfrentado até chegar ao destino (Sheller; Urry, 2006). Apenas 18 pessoas, colocaram a distância como um impeditivo para retornar à biblioteca. Uma delas acrescentou: “A distância é um fator relevante! Mas se as pessoas de Parelheiros conseguem vir para o centro de São Paulo é plenamente possível eu me deslocar até lá” (V132).

No trajeto, movem-se com os visitantes *objetos* (livros, equipamentos, alimentos, fotos), *imagens* (de livros, leituras, leitores e bibliotecas) e *imaginários* (de Parelheiros, de periferias, de jovens) engendrando, com suas motivações e expectativas sobre a visita, novas e incomuns práticas e narrativas turísticas. As imagens da biblioteca veiculadas por outros visitantes físicos ou remotos compõem o cenário de uma experiência espacial estendida pelo tecido urbano metropolitano, que extrapola em muito a materialidade física de espaços visitados - entendidos normalmente como atrativos turísticos. Se, em sua acepção objetiva, as viagens são a substância mais óbvia do fenômeno turístico, menos óbvio é olhar para múltiplas formas de mobilidade e localizar indícios de turismo (Allis, 2018).

### **3.3 Definições de mobilidade a partir da BCCL**

A escolha do PNM para a análise das percepções dos visitantes considerou as possibilidades aportadas por este campo teórico para analisar o que acontece em uma biblioteca comunitária, ao apresentar características, propriedades, mutações e o desenvolvimento de novos métodos de estudo (*mobility turn*) de um mundo em movimento. De acordo com Sheller e Urry (2006), às viagens reais somam-se formas de viagens “virtuais”

e “imaginárias” que surgem e são conduzidas de maneira ainda pouco conhecidas pelos estudos tradicionais de mobilidade que a associam a distâncias geográficas e à infraestrutura necessária a este deslocamento. Ao serem indagados sobre “o que é mobilidade” a maioria (93,4%) utilizou mais de um termo para sua definição (Tabela 3).

**Tabela 3.** Conceitos de mobilidade atribuídos pelos visitantes

<b>Respostas dos visitantes para a questão: “Para você o que é mobilidade?”</b>	
<b>Categoria</b>	<b>Total</b>
DESLOCAMENTO (transitar, deslocar-se, ir e vir, circular)	78
DIREITO AO DESLOCAMENTO (oferta pública, justiça social, acesso democrático a transporte)	55
MOVIMENTO (mover, locomover, movimentar-se, movimentação)	48
ACESSO (acessar, ir atrás)	30
CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E IDEIAS	15
PODER E LIBERDADE (escolha, autonomia, flexibilidade, apropriação)	26
TRANSFORMAÇÃO (mudança, travessia, transcendência)	13
CIRCULAÇÃO DE PESSOAS, OBJETOS E IDEIAS	4

Fonte: Autores (2020)

Acrescenta-se à análise da correlação dos conceitos de mobilidade com a BCCL, atribuídos pelos 168 visitantes, o fato de 56% destes terem voltado à biblioteca mais de uma vez, o que propicia um maior conhecimento do espaço e das dinâmicas ali estabelecidas. De fato, os respondentes aplicaram seus conceitos ao que viram na biblioteca e manifestaram-se de forma afetuosa ao trabalho ali desenvolvido, ressaltando a dimensão afetiva do tema pesquisado (Sheller; Urry, 2006), acolhendo as viagens imaginativas e a atmosfera literária que as envolve.

Um visitante destacou a afetividade das redes da BCCL, para exemplificar sua definição de mobilidade como “deslocamento”:

Acredito que a biblioteca gera um intercâmbio entre pessoas e projetos de diferentes locais e realidades em São Paulo, criando pontes. Se não fosse pelo convite da [suprimido para manter o anonimato] e pelo projeto na biblioteca, eu nunca teria conhecido Parelheiros provavelmente. Da mesma forma, vários jovens de Parelheiros têm circulado muito mais por outros pontos de São Paulo incentivados pela iniciativa.

Assim, a **biblioteca impulsiona a mobilidade entre centros e periferias, possibilitando troca e aprendizado para quem se move** (V52; grifo nosso)

Sua definição complementa o conceito de mobilidade como “acesso”:

A BCCL além de ser um desses lugares que permite a mobilidade é também uma **facilitadora das viagens que a leitura leva a ter, além de traçar caminhos para conhecer Parelheiros**. (V41, grifo nosso)

Note-se que na resposta anterior, a leitura está no centro de transformações de vida e, de maneira indireta, representa uma motivação para que a biblioteca e Parelheiros ganhem alguma centralidade em práticas turísticas menos convencionais - mas não por isso menos ricas de experiência (algo que normalmente compõe uma rotina turística). Estas práticas inscrevem-se no que vem sendo chamado de "Turismo fora do convencional" (*Tourisme hors des sentiers battus*), muito recorrentes entre grupos que inclusive evitam associar-se à própria condição de turista; por isso, buscam espaços e programas alternativos às formas comerciais de turismo, em geral, bastante integrados ao cotidiano de comunidades visitadas - geralmente em grandes cidades (Gravari-Barbas, Delaplace, 2015).

Para Petit (2013), o que difere a experiência leitora entre distintas classes sociais são os obstáculos: “Para alguns, tudo é dado ao nascer, ou quase tudo. Para outros, à distância geográfica somam-se as dificuldades econômicas e os obstáculos culturais e psicológicos. (...) os livros são objetos raros, pouco familiares, investidos de poder, que provocam medo”. Cresswell (2010), por sua vez, em seus estudos sobre as mobilidades e relações sociais, identifica seis elementos de distribuição de poder: a motivação, velocidade, ritmo, rota ou trajeto, experiência e fricção (ou imobilidades). Para V41, o acesso aos livros e à leitura, proporcionado pela biblioteca, reduz as fricções e amplia a mobilidade dos jovens. E ao mesmo tempo é o universo da leitura que serve de mote para centrar Parelheiros como local que merece ser visitado - como território e como *locus* de sociabilidades ensejadas em uma agenda de caráter turístico, ainda que modulado por outros fatores, que não os meramente comerciais (agências, pacotes, visitas guiadas em grandes grupos, etc).

Há os visitantes que viram na BCCL a mobilidade enquanto “poder e liberdade”. O acesso aos livros e leituras que a biblioteca oportuniza aos jovens amplia seus repertórios para o “exercício de poder” de nomear o mundo. Para um visitante, o empoderamento das pessoas contribui à projeção da biblioteca.

Acredito que a mobilidade favorece uma projeção ampla do projeto e esta projeção ao mesmo tempo empodera as pessoas (V154)

Na resposta de V154, intui-se que “as pessoas” sejam aquelas diretamente envolvidas no projeto: pessoas que antes, destituídas do domínio da leitura e das palavras, tinham menos poder. Pode-se dizer que de forma análoga ao movimento, a leitura e a escrita se inscrevem num campo de disputa de poder de narrativas. Disputa-se de forma tácita ou explícita o poder de narrar o tempo passado e presente e predizer o futuro. Todas as pessoas contribuem à constituição de palavras para nomear o mundo, e seus corpos vão se constituindo destas palavras; no entanto, é preciso fazê-las suas. Segundo Bértolo (2014) “existe uma estrutura social que obriga e gera a necessidade de se apoderar das palavras. De certo modo, e metaforicamente falando, a história da Humanidade é a história de um combate pelas palavras”.

Ao acessarem a leitura, especialmente as palavras dos autores de textos literários<sup>2</sup>, os jovens desenvolveram a competência de encontrar suas próprias palavras, de escrever suas próprias histórias, (Petit, 2009) e encontrar o “lugar móvel” para olhar o mundo e colocar as ideias em movimento (Jiron, 2018).

Um respondente, que tem conhecimento das viagens feitas pelos jovens, definiu mobilidade como “transformação da vida”

A leitura abre caminhos e possibilidades para a transformação de vidas. Sei que os meninos e meninas da BCCL ganharam o mundo (mobilidade) por meio dos livros (V5).

É certo que há uma idealização do movimento, conferindo status a quem se movimenta e pode escolher os meios para fazê-lo. A mobilidade e o seu controle, definindo quem pode mover-se e quem deve ficar imóvel, refletem e reforçam o poder, como pode ser verificado por sua distribuição desigual (Skeggs, 2004; Morley, 2000). A idealização do movimento, o fetiche da viagem exposta em imagens nas redes sociais, se elabora no contraponto à exclusão de outros, da imobilidade daqueles que enfrentam mais obstáculos

---

<sup>2</sup> Intencionalmente, a maior parte das atividades desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias está relacionada à leitura de textos literários de diferentes gêneros - poesia, prosa, romances, novelas, literatura fantástica, história em quadrinhos, literatura indígena, afro-brasileira, periférica de autoria clássica e contemporânea - como estratégia para ampliação do repertório de palavras e apropriação, por parte dos mediadores, da literatura como linguagem.

para se mover (Ahmed, 2004), como identificado nas definições de “mobilidade como acesso” e de mobilidade como “direito ao deslocamento”, expressos na seguinte reflexão:

Do que observo, a BCCL fratura as normatizações relativas à oposição centro-periferia. Se por um lado são reais as barreiras que as comunidades de Parelheiros encontram em relação à acessibilidade e usufruto aos elementos da cultura (teatro, museus, cinemas, bibliotecas etc.) oferecidos em maior proporção no centro de São Paulo (considerando que há maior investimento de ações e políticas nesse sentido nessa região), por outro, estas comunidades revelam para a própria cidade mananciais bastante abundantes de produção artístico-cultural, protagonismo jovem, mobilização comunitária na luta por seus direitos humanos (...) deveriam poder contar com efetivo respaldo do Estado (que não deve ser o antagonista dessa história!), que poderia chegar muito mais (e de maneira participativa) a esses locais sob a forma de cultura, lazer, saúde, educação, ciência, tecnologia e não sob a forma de violação de direitos, por exemplo, fazendo uso da força abusiva policial. (...) O trânsito e circulação pela cidade como um todo é entendida está também como um direito! (V38)

A garantia do direito de ler e de escrever é considerada uma possibilidade de transformar o mundo (Castrillón, 2013), portanto, de produção de mudanças, de deslocamentos, de mobilidades. Este conteúdo é destacado pelos visitantes que definiram mobilidade como “transformação”:

Diz-se que **ler é viajar, porém, viajar é também ler**. Para caminhar os caminhos é preciso ler o território, as paisagens, os aromas, as texturas, a pele do bairro e os corpos. Quando se conversa, se escreve, quando se caminha e se conversa, se aclara a mente, faz-se correlações, se conectam os espaços. A BCCL é espaço e representação, é vivência e materialidade, portanto, a biblioteca é uma articuladora das trajetórias, é a garantia de que o direito a se mover, de que o direito à locomoção seja uma experiência vital, significativa e edificante. Mover-se não é apenas passar de um lugar para o outro, como se fôssemos apenas matéria. Mover-se é aprender, afetar-se e transformar-se. Mobilidade é uma prática que transforma nosso corpo, o corpo social e a paisagem. **Mobilidade, mais que transportar-se é transformar-se; e assim, o campo simbólico das bibliotecas é um dispositivo da mobilidade** (V144, grifo nosso)

#### 4. Conclusões possíveis ao momento

Para Petit (2009), quanto mais repertório uma pessoa tem para nomear o mundo, mais condições terá para viver nele e transformá-lo. A BCCL e as mais de 300 bibliotecas

comunitárias no Brasil estão se consolidando como espaço de formação, convergência e irradiação de mudanças. O trabalho literário desenvolvido pela BCCL desde 2009, com a disseminação de leituras, (trans)formação de não-leitores em leitores, aproximação da cadeia criativa e distributiva do livro a uma comunidade que até pouco tempo era desconhecida e estigmatizada, foi um estímulo ao estudo de novas mobilidades. Os movimentos, a presença, o olhar e as relações estabelecidas com os visitantes, modificaram “o espaço” da biblioteca, assim como o movimento dos jovens, das gestoras, dos livros, das literaturas e da biblioteca têm proporcionado outras mobilidades que merecem ser investigadas. Na análise dos fluxos de visitantes da BCCL com base no PNM, encontrou-se categorias de movimentos a compor uma realidade turística menos previsível - mas não por isso desprezível para que se siga na elaboração constante sobre os significados e conceitos de turismo.

Neste contexto, este trabalho faz parte de um esforço de análise mais amplo sobre as imbricações entre turismo, mobilidade e leitura que podem indicar novas formas de turismo ainda não compiladas, considerada as visitas a bibliotecas comunitárias localizadas em áreas periféricas ou rurais. Pretendeu-se, a partir da análise de um novo objeto: o perfil de 168 visitantes de uma biblioteca comunitária, no período de 2009 a 2020 e suas percepções sobre “Mobilidade” e a aplicação deste conceito à referida biblioteca, contribuir para um novo campo conceitual das Ciências Sociais: o Paradigma das Novas Mobilidades (PNM). Visando superar os limites do campo teórico do turismo que muitas vezes se detém às análises econômicas e operacionais do fenômeno turístico, vinculando-o a espaço e infraestrutura, de forma estática e estereotipada, pretendeu-se ir além de uma simples adjetivação desta forma de turismo como “Turismo Literário” ou adjetivação das mobilidades como “Mobilidades Turísticas” (Allis, 2016).

A pesquisa possibilitou mapear uma prática nascente que se associa ao universo do turismo e dos lazeres urbanos, que vem acontecendo em São Paulo de forma crescente, por pessoas que vivem na cidade ou que, uma vez nela, incluem em sua programação uma biblioteca comunitária de área periférica rural. Ainda que tais práticas pareçam bastante específicas, elas servem para ilustrar o amplo espectro de possibilidades no arco do que se vem chamando de mobilidades turísticas. Para além de turistas explícitos, o tipo de visita aqui relatado e discutido aponta, de certa forma, para uma difusão das fronteiras específicas entre turismo e lazer, provocando reflexões “menos binárias e mais atentas às multiplicidades de situações, sensações e comportamentos” (Allis, 2016, p.112) presentes em campos pouco acessados pelas ciências aplicadas.

A leitura mais acurada das percepções dos visitantes à BCCL permitiu superar análises estáticas entre centro/periferia, inclusão/exclusão (Aderaldo, 2018), ao destacarem que a



centralidade da leitura literária em um contexto aparentemente inóspito, não é perdida: ao contrário, é intensificada exatamente pelos obstáculos superados para que o direito à cultura seja garantido. As percepções dos visitantes e os conceitos aleatórios de mobilidade que atribuíram à biblioteca, aproximam-se de conceitos-chave do PNM: “espaço”, “movimento”, “acesso”, “obstáculo”, “direito à mobilidade”, “imobilidade”, “mobilidade de objetos”, mobilidade de imaginários”, “viagem”.

As presenças e olhares dos visitantes contribuem à modificação do espaço visitado, observado e avaliado, o que é favorecido pelos princípios da metodologia da Pesquisa-Ação, que envolve os jovens e as gestoras da instituição em cada etapa da pesquisa, para aprimoramento da prática e criação de novos movimentos.

Da análise dos dados produzidos, concluiu-se que os jovens, as gestoras, as ideias, as imagens, os imaginários, a biblioteca mesma se moveram e seguem em movimento. E este movimento, ensejado centralmente pela leitura de textos literários, pode estar dando novos sentidos às existências de pessoas e contribuindo para que as bibliotecas comunitárias sejam vistas por seus aportes ao letramento literário e cultural, mas também às pesquisas em Turismo.

O estudo em tela põe em destaque os múltiplos e intrincados sentidos de viagem, trazendo substância à pesquisa em turismo pela vertente das mobilidades. Ao reconhecermos e estimularmos leituras deste tipo, entendemos alimentar um campo de estudo que reconheça mais um terreno fértil para os estudos turísticos, fazendo jus à complexidade social, cultural, política e espacial que este fenômeno encerra. Como se viu, não se trata apenas do movimento pendular de jovens periféricos para fora de suas comunidades, nem de incursões curiosas de visitantes forâneos motivados pelo exotismo de formas de vida ou paisagens estranhas - ainda que, em alguma medida, esse jogo de mobilidades componha o mosaico apresentado. Tendo uma biblioteca comunitária como pivô destas experiências de idas e vindas (de sonhos e corpos, de fotografias e livros), podemos notar que a conexão desses vários sujeitos com o território permite um debate arejado sobre a própria natureza do que seja e pode ser turismo.

Mas afinal, isso é turismo? A resposta - com a qual este trabalho busca contribuir - dependerá dos referenciais que se tem e quer ter para turismo. Mais do que metáfora, as mobilidades de e para a BCCL abrem um flanco epistemológico para outros entendimentos sobre a natureza do fenômeno turístico, ancorado em ensejado por diversificadas nuances de mobilidade (incluindo, mas não se restringido, à movimentação de corpos).

## 5. Referências

- Aderaldo, G. (2019); Visualidades urbanas e poéticas da resistência: reflexões a partir de dois itinerários de pesquisa 1 Urban and poetic visualities of resistance: reflections from two schedules of research. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, 45, 66-93.
- Aldrigui, M. (2017). Turismo urbano: um olhar para o quase invisível. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, (4), 131-143.
- Allis, T. (2016). Em busca das mobilidades turísticas. *Plural-Revista de Ciências Sociais*, 23(2), 94-117.
- \_\_\_\_\_ (2018). Movilidad y turismo In ZUNINO SINGH, D.; GIUCCI, G.; JIRÓN, P. (2018). "Términos clave para los estudios de movilidad en América Latina. Editorial Biblos. Buenos Aires, 131-137.
- Candido, A. (2011). *Vários Escritos*. 5a. ed. Ouro Sobre Azul.
- Capillé, C. e Reiss, C. (2019). Formas de mobilidade, visibilidade e poder em Medellín: Metrocable e Parques-Biblioteca. *Bitácora Urbano Territorial*, 29 (3): 79-90.
- Coles, T., Hall, C. M., & Duval, D. T. (2005). Mobilizing Tourism: A Post-disciplinary Critique, *Tourism Recreation Research*, 30(2), 31-41.
- Di Marino, M.; Lapintie, K. (2015), Libraries as transitory workspaces and spatial incubators. *Library & Information Science Research*, 37, 118-129.
- Fernandez; Machado; Rosa. (2018). O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores, Centro Cultural Luiz Freire e RNBC.
- Furtado, L. (2014); Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), orientado pela professora Dra. Cremilda Medina.
- Gravari-Barbas, M & Delaplace, M. (2015). Le tourisme urbain «hors des sentiers battus»: Coulisses, interstices et nouveaux territoires touristiques urbains. *Theoros[Online]*, 34 (1-2).
- Hannam, K., Butler, G., & Paris, C. (2014). Developments and Key Concepts in Tourism Mobilities. *Annals of Tourism Research*, 44(1), 171-185.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Censo demográfico do Brasil.

- Jirón, P.(2018). Lugarización en movimiento In ZUNINO SINGH, D.; GIUCCI, G.; JIRÓN, P. (2018). *Términos clave para los estudios de movilidad en América Latina*. Biblos, 73-80.
- Machado, E.C; Vergueiro, W (2010); *Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil CRB-8 Digital*, 3(1), 3-11.
- Machiavelli, M; Brignol, L.D (2019); *Adolescentes e o livro: internet como mediadora de novas práticas de leitura*. *Revista Novos Olhares*, 8 (2), 64-75.
- Maitland, R. (2008). Conviviality and Everyday Life: the Appeal of New Areas of London for Visitors. *International Journal of Tourism Research*, 10, 15-25.
- \_\_\_\_\_. (2013). Backstage Behaviour in the Global City: Tourists and the search for the 'real London'. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 105, 12-19
- Panosso Netto, A.; Nechar, M. C. (2016). *Turismo: perspectiva crítica: textos reunidos*. Triunfal Gráfica e Editora.
- Pappalepore, I., Maitland, R. & Smith, A. (2014). Prosuming creative urban areas. Evidence from East London. *Annals of Tourism Research*, 44, 227-240.
- Petit, M. (2009) *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2ª ed.; Tradução de Celina Olga de Souza. Editora 34.
- Sheller, M; Urry, J. (2004). *Tourism Mobilities: places to play, places in play*. Routledge.
- Thiollent, M. (2005) *Metodologia da pesquisa-ação*. 14.ed. aumentada. Cortez.
- Trigo, L. G. G. (2013). *Viagem: caminho e experiência*. Aleph.
- United Nations World Tourism Organization (2010). UNWTO Tourism Highlights.
- Williment, K. (2009) It takes a community to create a library. Partnership: *The Canadian Journal of Library and Information Practice and Research*, 4(1), 1–11.
- Zunino Singh, D.; Giucci, G.; Jirón, P. (Eds.) (2018). *Términos clave para los estudios de movilidad en América Latina*. Biblos